Jesuítas: entre a militância e o sincretismo nos aldeamentos da atual Grande São Paulo

LEANDRO ORTUNES*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto jesuíta no Brasil e colonial e na formação dos aldeamentos e o sistema educacional organizado por estes. Abordaremos como era realizado o ensino religioso, tanto aos colonos como aos gentios, pois assim como o aldeamento em si, ensinar e povoar foram as bases do projeto de colonização no Brasil.

Focaremos o presente estudo sobre a questão jesuíta e indígena em dois municípios da Grande São Paulo: Barueri e Carapicuíba, ambos foram aldeamentos que sofreram grandes transformações ao passar dos anos. De aldeamento tornaram-se povoados e depois municípios. Pouco estudo há sobre a real história destes aldeamentos, que de certa forma, também tiveram um papel importante no processo de colonização. Contudo, abordaremos as histórias tradicionais defendidas pelas atuais prefeituras, fazendo um devido paralelo com os estudos acadêmicos que tangem nosso tema principal.

Palavras-chave: Jesuítas; Aldeamento Carapicuíba; Aldeamento Barueri; Sincretismo.

Abstract: The paper to analyze the impact Jesuit in colonial Brazil settlements and the formation of the educational system organized by them. Address how religious education was carried out, both the settlers and the Gentiles, as well as the village itself, and people were taught the basics of the colonization project in Brazil.

The focus this study on the Jesuit and Indian question in two municipalities in São Paulo: Barueri and Carapicuíba, both were native villages that suffered major transformations over the years. The village became towns and then cities. There are few studies about the real history of these villages, which in a way, also played an important role in the colonization process. However, we will discuss the traditional stories advocated by current governments, because making a parallel with academic studies that concern our main topic.

Key words: Jesuits; Carapicuíba; Barueri; native village; Syncretism.

* **LEANDRO ORTUNES** é Mestre em Ciência Política; professor nos cursos de Administração, Direito e Ciências Contábeis; leciona cursos livres voltados ao estudo da Bíblia Hebraica (histórico-crítico).

Jesuítas: militância através da fé

A obra da Companhia de Jesus esteve compreendida em duas frentes principais: a fundação de missões em aldeias indígenas e, posteriormente a educação por meio da fundação de colégios. Desde a Idade Média, a Igreja, em troca de serviço de promoção, manutenção e propagação da fé cristã, dava aos reis considerados católicos poderes pontifícios, para administrar em seus domínios coloniais. Por meio das ordens religiosas, a igreja militou fortemente nestas duas frentes, defendendo os interesses do Estado e da religião. Suas atividades organizavam-se por meio de três tipos básicos de estabelecimentos: locais para a educação, para a catequese e para retiros. Os locais para a educação foram as casas, residências, colégios e seminários; para a catequese, as aldeias missioneiras; para tratamento e retiro, as casas de recuperação ou quintas de repouso e hospitais; e para a preparação religiosa os conventos, de onde saíram levas de soldados para seus exércitos. Por meio do *Ratio Studiorum*[1] norteou-se a forma de agir na educação.

Podemos encontrar a essência jesuítica na figura do padre Manoel da Nóbrega que veio ao planalto de Piratininga fundar um colégio visava proporcionar uma formação cristã, converter e educar o gentio, crianças e rudes. Nóbrega afirmava que o índio possui as três faculdades essenciais que definem o humano: memória, vontade e intelecto. *"A postura de Nóbrega seria também a dos outros jesuítas no século XVI: "Não tem adoração nenhuma, nem cerimônias ou culto divino", escreveu Cardim; "Não tem comunicação com o demônio", ajuizou Anchieta".* (VAINFAS, 2010, p.29).

Os jesuítas focaram na necessidade de intervenção e conversão do gentio e também na formação dos colonos. Ao contrário das missões espanholas que focaram em extirpar os possíveis demônios presentes na tradição indígena[2], os jesuítas em sua grande parte defendiam que o índio era como uma folha em branco (VAINFAS, 2010, p.29), que poderia receber a cristandade e a educação europeia, tornando-os subordinados ao Estado português e a religião. Essa tradição escolástica medieval, reafirmada pela Contra-Reforma, contrapunha-se com uma Europa renascentista que já ensaiava um livre-pensar e que acabaria se consolidando no Iluminismo.

O ideal do projeto jesuítico era acentuar a semelhanças e apagar as diferenças, tornando os homens iguais, incorporando-os à cristandade. Nas colônias americanas como africanas a concepção católica consagrou a imagem do índio, como a do animal que só por meio do batismo adquiria direito a uma alma.

> Jesuítas e colonizadores foram useiros em dizer que o gentio do Brasil não pronunciava as letras f, l e r, porque não possuíam fé, lei e rei, sugerindo com isso que os índios viviam numa espécie de anomia, e num estado de descrença em matéria de religião. (VAINFAS, 2010, p.28).

Consequentemente, se a maior finalidade da ação humana podia ser

[1] Uma coletânea de práticas educacionais vivenciadas no colégio romano e que se tornou um manual pedagógico para os jesuítas.

[2] As missões espanholas foram mais violentas e possuíam uma visão demoníaca sobre a América e o índio. Fruto de um grande imaginário sobre o mal constituído no período da inquisição, a demonização da cultura foi algo marcante em toda história da colonização hispânica.

resumida na participação na obra da salvação, nada haveria de mais grandioso do que a catequese através do qual o índio, tornando-se cristão, ganhava uma alma batizada – e, portanto, aberta à redenção. Sendo assim a alma cristã projetava sobre a vida terrena a sombra de uma nova dignidade: incorporação à sociedade.

Tal era o sentido que podia adquirir a tarefa de salvação das almas, missão jesuítica, deve ser considerada como um supremo reconhecimento concedido à Ordem pelo Papa, reservando para estes religiosos, no início do século XVI, o privilégio de educar os homens, de salvar e acompanhar suas almas. Nesta missão espiritual valia tanto o cuidado com os civilizados que, afastando-se do olhar zeloso da igreja vinha desterrar-se nas novas terras, quanto o projeto de ganhar para a fé os gentios.

Analisando os princípios fundamentais do *Ratio Studiorum*[3] podemos compreender o espírito dominante na educação colonial que perdurou por mais de duzentos anos:

> Aliança das virtudes sólidas com o estudo, seriedade e constância para proteger a fé e agradar a Deus.
>
> Evite-se a novidade de opiniões, sigam os mestres aprovados.
>
> Repetições em casa, exercitar a inteligência e memorizar as lições.
>
> Ordem nos pátios, não se tolera armas, ociosidade, leviandade, correria ou gritos. Preleção, somente autores antigos, nunca os modernos.

[3] A *Ratio Studiorum* falava de uma clara e gradual ordem de estudos, da importância de conhecer e respeitar a diversidade intelectual dos estudantes, da assistência à classe e a prática de muitos exercícios; da importância da repetição. Era um ensino personalizado, pretendia-se o conhecimento intelectual e religioso do aluno.

Na colônia brasileira foram os jesuítas que efetivamente se encarregaram, nos dois primeiros séculos de colonização, pela formação, tanto dos educadores como o dos educandos. No período áureo da Cristandade, Igreja e Estado, dentro da lógica do padroado, estavam juntos pela realização dos interesses que uniam o temporal ao religioso, conformando um mesmo poder político sobre os homens do mundo "civilizado" e das novas terras. Império e Igreja era uma só realidade que, por sua vez, determinavam a estrutura política e social da época.

Evidentemente, não podemos deixar de mencionar que as missões religiosas também tiveram um grande impacto negativo na cultura indígena. A violência cultural contra o índio apagou boa parte de suas tradições. Mesmo que algumas tradições foram guardadas através da subversão e rebeldia, boa parte delas foram sincretizadas ou extirpadas da cultura. O trabalho indígena também se tornou diferente com o impacto da colonização, se antes era para sua subsistência, com a colonização os índios trabalhavam para manter o lucro do homem branco, trabalho que se tornou em trabalho escravo em boa parte do Brasil colonial.

Os aldeamentos em Carapicuíba e Barueri

Na Região da atual da Grande São Paulo, vários aldeamentos foram organizados pelos jesuítas com os objetivos discutidos no item anterior. Pretendemos apresentar dois aldeamentos pouco explorados pela historiografia, mas com grande importância, uma vez que eles preservam marcas deste período, inclusive o aldeamento de Carapicuíba é um dos poucos aldeamentos com sua estrutura ainda preservada.

O aldeamento em Carapicuíba faz parte dos doze aldeamentos fundados pelo padre José de Anchieta por volta de 1580. Embora atualmente se use o termo "Aldeia" de Carapicuíba, cabe-nos fazer a devida distinção dos termos aldeia e aldeamento. Aldeia se refere à Taba indígena: um grupo de ocas, onde pessoas formavam uma pequena comunidade, local onde era compartilhado o mesmo idioma, praticavam os mesmos ritos e compartilhavam a mesma forma de produção autossuficiente. Na Taba, todo este processo era realizado naturalmente com consenso entre os próprios índios. Quando utilizamos o termo aldeamento, estamos referindo ao mesmo principio de várias ocas juntas, porém unidas por imposição do branco através de uma grande transformação, pois agora ao centro das ocas geralmente era erguida uma Igreja Católica, se não ao menos uma cruz era presente ao centro.

Grande controvérsia há sobre as motivações dos assentamentos indígenas, segunda a tradição de Carapicuíba, o aldeamento foi uma forma de proteger indígenas refugiados da perseguição dos bandeirantes, o mesmo ocorre com a tradição em Barueri. Mas podemos analisar o tema a partir da seguinte posição defendida:

> Os aldeamentos visavam, sobretudo, a sedentarização das populações indígenas, propiciando um maior controle sobre suas práticas culturais e possibilitando o rompimento com tudo aquilo que fosse visto pelos missionários como oposto ao cristianismo: "Para que houvesse uma transformação de costumes a destribalização se fazia necessária, e, mais do que a destribalização o rompimento com as antigas tradições (MEIHY, 1975, p.184 *apud* SANTOS, 2007)

A região era passagem obrigatória entre São Paulo e Santana de Parnaíba, consequentemente tornou-se alvo de bandeirantes que desejavam utilizar a mão-de- obra indígena no trabalho agrícola e forçar sua escravidão. Alguns jesuítas tentaram romper essa pratica ou evitar um confronto mais violento, removeram os índios para Itapecerica, mas não obtiveram sucesso, pois os índios retornaram para região do aldeamento[4]. Esta história é contada em uma poesia do carapicuibano Edson Poscai[5]:

> Conta-se que os jesuítas,
> Muito fizeram para evitar atritos
> Fizeram o que podiam
> Mas infelizmente não conseguiam
> Os Jesuítas tentavam
> Levar os índios para outra morada
> Mas passava-se um tempo, e eles voltavam. E aqui nova igreja era levantada
> Nova Cruz era fincada [...]
> Fala-se sobre incidentes
> De autoridades, Colonizadores e Bandeirantes.
> E a vida dos índios, não voltou a ser como era antes[6].

Entre 1610 e 1670, o aldeamento passou por uma fase de estagnação, tornando- se de ponto de encontro entre a liderança religiosa e as autoridades que procuravam traçar normas para a ocupação das terras e o aproveitamento da mão-de-obra indígena. Em 1770, o crescimento agrícola da região vizinha

[4] Fundação SEADE 2006. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/hist/hist_222.pdf>. Acesso em 04/05/2014.

[5] Poscai é autor dos livros: A viagem no tempo e Amigos, atualmente publica no site da Academia Brasileira de Letras e do grupo Usina de Letras.

[6] Retratando o Brasil na Poesia Volume IV. Disponível em: <http://www.ebooks.avbl.com.br/biblioteca2/lv1/coletaneabrasil4/index1.htm> Acesso em 30/06/2011

ao aldeamento impulsionou o surgimento de novas fazendas, abriam-se armazéns e surgiu uma nova força trabalhadora para o carregamento de cargas. Neste período, embora houvesse a presença da igreja erguida pelos jesuítas, a população local já não era mais a mesma e o índio também já não era o mesmo.

Em Carapicuíba, ao redor da capela inicial, malocas foram sendo construídas para abrigar pessoas que eram responsáveis pela promoção de espetáculos populares: Os "Donos" das festas, mais precisamente a tradicional família Camargo em Carapicuíba, realizavam espetáculos, organizavam e exploravam o comércio, fazendo um trabalho de tal ordem que, o aldeamento se transformou em um centro de folclore. Promovendo uma série de danças típicas, como exemplo, uma das mais importantes e conhecidas a "Dança de Santa Cruz", também chamada de Sarabaquê[7].

A dança de Sarabaquê teve origem na manifestação religiosa tradicional indígena, com chocalhos e passos sincronizados[8]. Com o processo de catequese realizada pelos jesuítas a dança recebeu uma nova roupagem simbólica e tardiamente foi chamada de Dança de Santa Cruz.

> Foi um dos artifícios utilizados pelos jesuítas para catequizar os índios, a partir da constatação da importância da dança na cultura dos índios. A estratégia foi adaptar a dança indígena "sarabaquê" para a festa de adoração à Santa Cruz. Santa curuzu dos guarani e santa curuçá dos tupi, manifestações religiosas decorrentes da cristianização dos povos indígenas, figuravam no devocionário mameluco, mestiço e caboclo[9].

Esta dança também era realizada na região de Embu e, da mesma forma, recebeu esta roupagem católica.

Atualmente em Carapicuíba ainda é celebrada esta festa: A Festa de Santa Cruzinha. São sempre famílias tradicionais que fazem todo o preparo da festa, com violeiros, velas e cruz celebram a santidade de própria cruz. Estas famílias católicas passam de geração a geração todo o rito envolvido nesta festividade. Se antes, os indígenas faziam a dança ao redor da fogueira, hoje a tradição católica repete os passos, porém ao redor da cruz.

[7] A Raiz *Saraba* remonta o verbo Sarabandear que significa dançar.
[8] Novo Dicionário Banto do Brasil, p.201.
[9] Pontifício Instituto de Missões Exteriores. Disponível em: http://www.pime.org.br/noticias2008/noticiasbrasil707.htm. Acesso em 04/05/2014.

Figura 1 - Aldeia de Carapicuíba

Paralelamente ao desenvolvimento do aldeamento da Carapicuíba, outros aldeamentos também foram estabelecidos, como exemplo, o aldeamento Barueri. A fundação do aldeamento de Barueri também foi reflexo das missões jesuíticas, que ocorreram na região em meados do século XVI. Segundo o site oficial da cidade: historiadores relatam que a cidade se originou a partir do aldeamento de Baruery, fundado em 11 de novembro de 1560 pelo padre José de Anchieta.[10] O nome Barueri deriva intersecção da palavra francesa *barriére* (barreira, queda, obstáculo) com o vocábulo indígena *mbaruery* (rio encachoeirado), significando, barreira que encachoeira o rio, visto que a área ficava na bifurcação do rio Tietê, que era chamado rio Anhembi na época do aldeamento.

Constantemente o significado do nome Barueri é confundido com "Flor Vermelha que Encanta". De acordo com site oficial da prefeitura esta confusão no significado do nome da cidade deve-se talvez as flores vermelhas que havia na margem do rio Barueri Mirim (Rio que foi quase por completo canalizado e se perdeu na memória do povo) e hoje a frase "flor vermelha" tornou-se *slogan* da cidade.

O aldeamento cresceu rapidamente, tornando-se um dos mais importantes aldeamentos de índios do Brasil colônia. Também serviu como forma de resistência dos índios aos frequentes ataques de bandeirantes que desciam o rio Tietê em direção ao interior, aprisionando-os para mão-de-obra escrava. Não há detalhamentos históricos do papel dos Jesuítas na defesa dos indígenas contra os bandeirantes, porém a tradição da cidade conta que os jesuítas responsáveis pelo aldeamento os protegiam. Vale ressaltar, que neste período o aldeamento já fora catequisado e havia colaboração entre jesuítas e índios. Evidentemente este alinhamento foi fruto de um processo

[10] Fonte: <http://www.barueri.sp.gov.br/> Acesso em 30/06/2011

histórico de conflitos entre as duas culturas e não podemos assumir que foi um processo amigável e duradouro.

O número de indígenas na região proporcionou com sua mão-de-obra ao decorrer dos anos um notório crescimento e até mesmo tornou-se tema de discussão entre as câmaras:

> A Câmara municipal de São Paulo disputava recursos da produção indígena e entrou inclusive num debate acalorado com a câmara de Santana de Parnaíba, porque esta ultima incentivava o uso dos índios aldeados em Barueri (MONTEIRO, 1996 *apud* FERREIRA, 2009, p.41).

Evidentemente, este *boom* econômico na região iria gerar um tipo de conflito muito comum no período. Constantemente colonos iriam disputar com os jesuítas o uso da mão-de-obra indígena e, por outro, lado os jesuítas iriam se defender com argumentos religiosos. Porém, fica claro que os jesuítas ultrapassaram seus objetivos de catequizar os nativos:

> O Conflito entre jesuítas e colonos teve como pano de fundo a desorganização do poder régio na colônia na época da união das coroas ibéricas (1580 - 1640) porque aquilo que cabia ao padroado ficou sob domínio dos jesuítas que ocuparam o vácuo de poder e sobrepuseram a temporalidade, as funções espirituais. Tornaram-se, então, administradores coloniais da matéria e do espirito dos aldeamentos e dos aldeados (FERREIRA, 2009, p.43).

Em 1793 após expulsão dos jesuítas o aldeamento ficou sob a responsabilidade da ordem Carmelita. Segundo os manuscritos do tempo colonial a população aldeada na região entre 1798 e 1799 era de 263 homens e 270 mulheres (FERREIRA, 2009, p.61).

A "Aldeia" chegou a povoado e, posteriormente, em 1809, passou à categoria de freguesia[11]. Importante ressaltar que, assim como a cidade de Carapicuíba, não se pode dizer que havia uma aldeia de Barueri, mas sim um aldeamento conforme explicado anteriormente.

Em 1875 foi inaugurado o primeiro trecho da Estrada de Ferro Sorocabana, que liga o interior de São Paulo até a "descida do mar". Barueri tornou-se um entreposto de cargas da região, dando um novo fluxo de comercio e povoamento na região. O povoado de tropeiros passou a ser chamado povoado da Estação, e próximo a esta foi construída a Igreja de São João Batista. Por este móvito alguns equívocos ocorrem em relação ao padroeiro da cidade. Várias fontes[12] citam Nossa Senhora da Escada, porém oficialmente São João Batista é o padroeiro e consequentemente o feriado municipal acontece nos dias 24 de Junho. Importante destacar que a tradição da Nossa Senhora da Escada possui uma particularidade com os indígenas do antigo aldeamento, fato que não acontece com a tradição de São João Batista.

Segundo a tradição da cidade, alguns índios estavam sendo perseguidos por bandeirantes até serem encurralados na encosta de um morro, foi quando segundo o mito, surge a figura de Nossa Senhora[13] e que fez surgir uma

[11] Freguesia é um termo de origem português utilizado para definir uma menor unidade administrativa civil.

[12] Pesquisas realizadas em sites populares e no próprio site da cidade: <http://www.barueri.sp.gov.br/sites/SalaImprensa/materias/governo_nossasenhora.aspx> Acesso em 30/06/2011.

[13] No Catolicismo Maria mãe de Jesus recebe vários títulos de acordo com sua aparição

escada para que os índios pudessem escapar. Com isso, identificamos a contextualização de um mito antigo para um tempo e um local diferente de onde foi divulgado anteriormente. Essa tradição é reforçada através de um trecho do hino elaborado em homenagem à Nossa senhora da Escada na cidade de Barueri: "Daqueles índios perseguidos, por temidos bandeirantes, aprendemos a lição. Tu socorres os pequeninos, de Deus Eterno, os preferidos, com materna afeição"[14].

Se analisarmos a tradição portuguesa de origem do título Nossa Senhora da Escada encontraremos outra narrativa. Na verdade, encontraremos duas narrativas em Portugal: uma dizendo que Maria ainda bebê milagrosamente subiu as escadas do templo de Jerusalém, outra diz que o título foi dado devido ao estilo arquitetônico das igrejas de Nossa Senhora com longas escadas. Independente das versões portuguesas elas fogem da realidade indígena que não conhecem Jerusalém e não conhecem as escadarias das igrejas portuguesas.

Portanto, de acordo com a realidade sociocultural os mitos sofrem transformações e tomam novo sentido, remontando uma história dos antigos da região. A tradição "imposta" por muitas vezes não consegue se identificar com o povo local, principalmente ao pensarmos em um catolicismo europeu. Utilizar a figura indígena em um conto católico traz ao mito nova função e legitimidade:

> Os regionalismos, nacionalismos ou enclaves religiosos fundamentalistas são um componente dialético do próprio processo de desenraizamento [...] Trata-se de um meio de preservação da identidade diante da competição, da dominação e da dependência cultural, e de uma resposta à crise de identificação com os sistemas simbólicos locais ou tradicionais. (MOREIRA, 2008, p.29)

Com o passar do tempo e com o novo perfil de moradores da região (agora não mais indígenas e jesuítas, mas sim tropeiros e comerciantes) a religiosidade do local recebeu um "novo" santo, encobrindo a tradição antiga dos jesuítas sobre a Nossa Senhora da Escada.

Atualmente, em Barueri há uma capela antiga, mas que não faz parte do aldeamento original dos Jesuítas. Em 2002 algumas escavações na região da capela, foram realizadas pelo departamento de Arqueologia e Etnologia da USP. O Resultado foi encontrar antigas ruinas "muros" supostamente que faziam parte da capela original, erguida por jesuítas por volta de 1610. Também foram encontradas peças de cerâmica e ossadas de pessoas enterradas no interior da antiga igreja. As descobertas resultaram em um novo sentido de identidade para a cidade. *"A intenção sempre foi a de proporcionar uma ligação maior das pessoas com o lugar"*, diz a secretária de Cultura

geralmente com o prefixo Nossa Senhora.

[14] Fonte: <http://www.paroquianossasenhoradaescada.com/nossa-paroquia/nossa-senhora-da-escada> Acesso em 30/06/2011.

do município, Rita Ribeiro[15], conforme uma matéria realizada pela revista *Veja*:

> Desvendaram-se não só restos de pessoas de origem europeia, mas também de índios, identificados, segundo explica Cristina Scatamacchia[16], pela dentição "em forma de pá". Não deixa de ser digno de nota que índios tenham sido enterrados dentro da igreja ao lado de europeus. Pelo menos na morte, e pelo menos em Barueri, lhes foi permitido dividir com os europeus o mesmo e sagrado espaço.

Figura 2 - Escavações na área da Capela em Barueri

Conclusão

Mediante ao exposto, podemos perceber que os jesuítas com seu projeto autônomo de certa forma incomodaram colonos e bandeirantes, embora o motivo dos aldeamentos seja questionado, eles promoveram aquilo que em partes os jesuítas desejavam: "educar" e cristianizar o índio.

Podemos também perceber a formação de um catolicismo brasileiro através da assimilação de práticas culturais em outra religião. Este sincretismo foi importante para adesão dos indígenas ao catolicismo. Em Carapicuíba, temos uma dança ao redor da fogueira que foi adaptada em uma tradição católica: A festa de Santa Cruz. Tradição que é mantida atualmente, cujo sempre as mesmas famílias são responsáveis pela elaboração das festas. O Aldeamento de Carapicuíba ainda é mantido com grande cuidado e foi tombado pela UNESCO. As festas ainda acontecem e as danças fazem parte da população da região.

Em Barueri, temos a contextualização de uma tradição europeia com a realidade indígena no mito da Nossa Senhora da Escada. Evidentemente, falar de uma grande escadaria ou das escadas do templo de Jerusalém não faz sentido para realidade dos índios. Por outro lado, se falar que este mito trata-se da escada que salvou os indígenas das mãos dos bandeirantes passa a ter valor. Transformando o índio em outro índio:

> Os aldeamentos fizeram dos índios novos índios, *um outro índio*, nas palavras do Padre Antônio Vieira. Foi esse novo índio que tornou

[15] Entrevista concedida para Revista *Veja* em 08/06/2006.
[16] Maria Cristina Mineiro Scatamacchia é doutora em arqueologia pela USP e realizou pesquisas sobre as culturas primitivas em São Paulo.

> possível a colonização portuguesa, e constituiu um elemento primordial da defesa do território e na criação de condições de exploração colonial. A Conquista das almas é a conquista do *outro* – e de sua transformação (FERNANDES, 2003, p.11).

Não somente nestas duas cidades percebemos a mescla de tradições, mas em vários outras, provando que a matriz indígena alterou o catolicismo europeu que chegou ao Brasil. Cada cidade há uma tradição peculiar e merece ser estudada, para que possamos entender cada vez mais as raízes ou matrizes do campo religioso brasileiro.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo: Moderna, 2007.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *A presença do Brasil na Companhia de Jesus (1549-1649)*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP. São Paulo: USP, 1975.

FERNANDES, Fernando Lannes. *Da Conquista das Almas à Conquista do Território*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.

FERREIRA, Crisney Tritapeppi. *A Educação dos aldeamentos indígenas na Capitania de São Paulo no século XVIII: Entre a expulsão jesuíta e as reformas pombalinas*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentado na PUC-SP, 2009.

LOPES, Lei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

PONTIFÍCIO INSTITUTO DE MISSÕES EXTERIORES. Disponível em <http://www.pime.org/index.php?l=pt> Acesso em 03/05/2014.

RANGEL, Lucia Helena. *Índios Brasileiros despossuídos da terra, mão-de-obra marginal.* SEADE. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v04n03-04/v04n03-04_05.pdf> Acesso em 04/03/2014.

SANTOS, Cezar Augusto. *O Colégio de Piratininga: A influência da Espiritualidade Inaciana na fundação da cidade de São Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SANTOS, Fabricio Lyrio. *Aldeamentos jesuítas e política colonial na Bahia*, século XVIII. Scielo, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Recebido em 2014-05-04
Publicado em 2015-02-22